

Caro companheiro Ciro Cayres

Aquela volta, em Interlagos, revelou para a história um dos maiores pilotos de todos os tempos

Eu me lembro de estar na arquibancada de Interlagos, ainda não o conhecia, mas a primeira imagem ficou gravada: você a bordo de uma velha Ferrari subdimensionada para o piloto e para o supermotor Corvette, trajando uma camisa de veludo vermelha de mangas compridas. Dada a largada, você disparou na frente e, no final do retão, a roda traseira direita voou, atingindo fatalmente a Miss Campinas. Aquele foi seu pior e mais sofrido acidente, lesionou a sua coluna e lhe deu muletas companheiras por algum tempo. Após disso, o Eugênio Martins nos apresentou e, logo depois, chegaram ao Brasil os três Maseratis 250F que haviam terminado de disputar o campeonato mundial de Fórmula 1. Um era do Antônio Mendes de Barros, outro, do Luiz Américo Margarido e o terceiro era seu. Eles estavam na fábrica do próprio Antônio, a Chocolates Lacta, lembra? De lá, o Maserati foi para a concessionária Vemag Comercial Lara Campos, onde trabalhavam você e o seu companheiro e nosso dileto amigo Antônio Manoel da Silva Reis, que foi o esmerado preparador que adaptou aquele Corvetão, transformando-o no novo e fantástico Maserati.

Pela primeira vez, sem as carenagens, o carro foi para Interlagos para testar a adaptação e amaciar o motor que havia sido refeito. Jamais me esquecerei do furacão de emoções por você ter me escalado para auxiliá-lo na tarefa. Mesmo devagar, pilotar aquele foguetão foi fantástico. Depois de pouco tempo, chegou o grande momento: em um dia de treino oficial, todos que estavam presentes em Interlagos tiveram a oportunidade de ver a maior tocada de todos os tempos. Você saiu dos boxes com muito apetite, freando e fazendo as curvas no limite, diante da admiração de todos. Aquele Maserati berrava e se retorcia completando a volta rápida e quando apontou na curva de chegada, onde hoje é a do

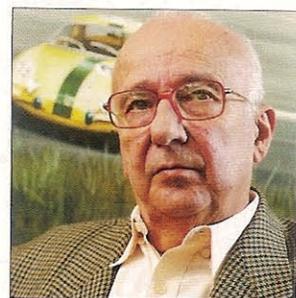


Bird Clemente (de óculos) apoiado sobre o Maserati-Corvette de Ciro Cayres

Café, a velocidade naquele ponto, inédita e nunca vista, denunciou uma pequena lombada que o fez decolar, aterrissando já corrigido com a suspensão se retorcendo. Essa volta, esse momento, revelou para mim, e certamente para a história, o mais notável piloto daquela época, que acabara de baixar o recorde de Interlagos com o fantástico tempo de 3min33s, que só foi superado, muitos anos depois, pelos irmãos Fittipaldi com o Fitti-Porsche.

Fui abençoado e tive muita sorte de tê-lo como meu protetor. Com sua recomendação, o Eugênio Martins me colocou na Equipe Vemag e, aí, sem dúvida, você foi o meu trampolim. Foi inesquecível a época do Torneio Triangular Sul-Americano de Mecânica Continental – Brasil, Argentina e Uruguai –, quando você tocava aquele fantástico Maserati-Corvette no autódromo de El Pinar. Lembra?

Eu, seu fã ardoroso, ficava deslumbrado com o privilégio de ter em você um hábil contador de história interessado em dar só para mim aquele show, sentado em uma poltrona gesticulando os pés, as mãos e a cabeça, trocando marchas, acelerando, balançando e corrigindo. Eu me envolvia em emoções, me transportava e, naquela encenação, você dizia: “O misto do circuito era muito apertado para os nossos carrões, nós nos enroscávamos, esfregando roda a roda, levantando cheiro de borracha queimada”. Eu lembro tim-tim por tim-tim o seu relato dramatizado daquele pega com



www.birdclemente.com.br

FOTO: BRUNO GUERREIRO

o Froilán González. Ficou gravado, cara! Atualmente, por aqui, o interesse pela memória do automobilismo está muito maior e eu me esforço para contribuir com isso. É uma pena que os ídolos, bons contadores de histórias assim como você, sejam modestos demais e não se soltem. Felizmente, as coisas estão mudando, pois o interesse é muito grande e a nossa época saiu do esquecimento. Fala-se muito nos meados dos anos 50, quando os recursos do automobilismo privilegiaram e elitizaram as Mil Milhas com as carreteras e o surgimento das equipes de fábrica com os carros de corrida tipo turismo, esvaziando o interesse e o *glamour* dos pilotos dos Maseratis, das Ferraris. O Camillo Christófaru, inconformado, saiu comprando todos os Fórmula 1, esporte e mecânica nacional disponíveis no mercado, fez um bom investimento e com o tempo se saiu muito bem com a valorização do seu acervo, porém, os historiadores se descuidaram da memória dos pilotos deste capítulo.

Assim como você, participei das melhores equipes, pilotei os melhores carros e tivemos como companheiros os gênios que, a partir de Emerson Fittipaldi, conquistaram o mundo. Mas nos encontros do grupo daquela época os papos ficam eloquentes e as comparações com os mais rápidos são inevitáveis. Tornam-se polêmicas no espaço da era dos anos dourados, da derrapagem controlada, dos pneus estreitos, do punta-tacco... Que honra termos feito parte desse grupo, porém eu sempre lembro para os caras da nossa geração que o Emerson e o “Moco”, vencedores na Fórmula 1, bem como o Ciro Cayres da Maserati-Corvette, são incomparáveis.

Pela sua vida valorizada, pela memória e por tantos amigos que deixou, você só pode estar bem.

Com saudade, estima e admiração, do amigo de sempre, *Bird Clemente* **R**